

A FORMAÇÃO DOCENTE NO PROFHISTÓRIA: REFLEXÕES TRAMADAS EM EXPERIÊNCIAS DE COMPARTILHAMENTO DE SABERES

Mônica Martins da Silva ¹

O Profhistória é um Programa de Pós-Graduação em rede nacional que atualmente conta com 39 instituições de ensino superior associadas, com a coordenação geral da UFRJ. Aprovado em 2013, em contexto de ampliação dos mestrados profissionais da área de História e Educação e também de outros mestrados profissionais em rede, o curso é parte de uma política de indução da CAPES, estimulada pela área de História e integra o PROEB (Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica). Em 2020 já alcançou quase 2000 professores, nas cinco regiões do país, com a finalidade de oferecer formação continuada para docentes de História da educação básica que são selecionados a partir de um processo nacional unificado, pautado por critérios seletivos que priorizam aspectos teórico-metodológicos do campo da História e do Ensino de História. Nesse sentido, vem possibilitando o ingresso de professores das redes básicas de ensino a uma pós-graduação *stricto sensu* de excelência, totalmente gratuita e compatível aos princípios de uma formação continuada que respeita a autonomia docente e escapa de modelos que restringem essa etapa à atualização de conteúdos, muitas vezes alheios aos interesses e necessidades dos professores e às suas realidades profissionais. Além disso, incorpora um aspecto fundamental que é a indissociabilidade da formação profissional dos professores à pesquisa associada à área do curso (FERREIRA, 2016).

Reconhecido, atualmente, como o maior programa de pós graduação na área de História, o Profhistória vem impactando a educação pública brasileira, por meio de sua política formativa que envolve não apenas os professores que cursam o mestrado. Também os diversos sujeitos escolares, encontram-se direta ou indiretamente envolvidos nas pesquisas, e se beneficiam com a melhoria na prática de muitos professores que, conforme relatos já acessados, se sentem mais motivados e estimulados. Compreendida como aspecto singular da formação no Profhistória, a dimensão propositiva da pesquisa, exigida como parte do trabalho final do mestrado, vêm também impactando o campo da

¹ Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós- Graduação em Ensino de História- Profhistória- Centro de Ciências da Educação- Universidade Federal de Santa Catarina. Correio eletrônico: moniclio@yahoo.com.br.

produção acadêmica por estimular a reflexão acerca dos saberes que são mobilizados na prática docente. Muitas dessas proposições valorizam a sala de aula, a escola, o entorno, a localidade, a comunidade escolar e a cidade como *locus* de pesquisa, difundindo metodologias ancoradas na prática docente e na reflexão da cultura escolar, visibilizando, assim, os saberes produzidos na escola. Há também um grande volume de trabalhos que desenvolvem materiais didáticos, roteiros para professores, sites, aplicativos, podcasts, exposições, sequências didáticas, apenas para citar alguns exemplos, também ampliando o campo da produção e da reflexão sobre fontes, linguagens e metodologias do Ensino de História, assim como da cultura digital e suas tecnologias. Outro aspecto relevante a ser destacado, relaciona-se ao compromisso social e político de muitas investigações e a sua dedicação a temas socialmente relevantes, urgentes, candentes e sensíveis, ancorados nas demandas sociais e nas urgências do tempo presente, como a História e cultura de povos afro-brasileiros e indígenas, as relações étnicas raciais, o racismo, a história das mulheres e de grupos Lgbtqi+, as relações de gênero, os direitos humanos, as *fake news* o negacionismo histórico, o Patrimônio Cultural, dentre muitos outros, evidenciando a potência da relação entre pesquisa acadêmica e compromisso ético e social.

Ao longo desses últimos anos, tenho me envolvido com esse programa em diversas frentes, inicialmente como coordenadora do curso na Universidade Federal de Santa Catarina, função na qual permaneci por dois mandatos consecutivos, e como membro da Comissão Acadêmica Nacional do Profhistória, uma das instâncias consultivas e deliberativas da rede, e na qual permaneço até os dias atuais, como representante da linha de pesquisa “Saberes históricos no espaço escolar”. No entanto, é como professora, orientadora e membro de bancas de avaliação de trabalhos finais, que passo a refletir nas linhas abaixo, comentando algumas experiências e aprendizados compartilhados com muitos desses professores-mestrandos de diferentes partes do país.

Formar professores de História em contextos de compartilhamento de saberes

As disciplinas ministradas no Profhistória cumprem uma importante função no processo formativo de seus estudantes, oferecendo instrumental teórico e metodológico para as pesquisas a serem desenvolvidas. Em seu escopo, as disciplinas obrigatórias refletem sobre a Teoria e a metodologia da História; a História como disciplina escolar, analisando a sua história e historiografia, e também a emergência do Ensino de História como campo de pesquisas, aspecto de grande relevância para um programa que tem este campo como área de concentração. Os projetos de pesquisa ganham corpo e materialidade

em Seminário de Pesquisa, tramados no diálogo com diferentes referenciais, e com outras pesquisas do campo da História, do Ensino de História e do próprio Profhistória, que já ultrapassou o número de 700 dissertações defendidas e podem ser encontradas na plataforma Educapes².

Em meu trabalho como professora, venho atuando predominantemente em disciplinas como História do Ensino de História e Seminário de Pesquisa. Compreendo que há uma grande potencialidade nessas disciplinas para se abordar não apenas a configuração da História como disciplina escolar, desde o século XIX, mas também as importantes transformações que ocorreram no contexto da Ditadura Militar e processo de redemocratização que se desdobraram em diferentes propostas e projetos curriculares que reforçaram “o caráter formativo da História na constituição da identidade, da cidadania, do (re)conhecimento do outro, do respeito à pluralidade cultural e da defesa do fortalecimento da democracia.” (SILVA; FONSECA, 2010, p.6). Configura-se, assim, o repertório necessário para a compreensão da história escolar como campo de disputas, interesses, conflitos, resistências e também de muitas conquistas alcançadas por sujeitos históricos em relação, também evidenciando o movimento crescente das pesquisas, seus avanços, a interrelação com as demandas sociais e os contextos políticos do seu tempo. Além disso, as estratégias associativas e de construção de uma identidade profissional para o Ensino de História (MESQUITA, 2008) demarcam um contexto fundamental que permite localizar o próprio Profhistória.

Igualmente interessante, cabe destacar as aulas no Profhistória como espaço de encontro e trocas de saberes entre docentes de diferentes realidades, gerações e distintas bagagens e repertórios. Nesse espaço há muitas possibilidades de trocas maduras, ancoradas não apenas no debate teórico e historiográfico, mas também nas experiências tramadas por sujeitos e currículos reais e em ação (SACRISTÁN, 1995). Na minha experiência, tenho reencontrado alguns egressos da minha própria universidade, que em outros momentos já haviam sido meus orientandos de Estágio Supervisionado, Trabalhos de conclusão de curso, bolsistas de iniciação à docência ou supervisores do Pibid, demonstrando como boas políticas públicas podem incentivar e estimular o trabalho na

² O eduCAPES é um portal de objetos educacionais abertos para uso de alunos e professores da educação básica, superior e pós graduação que busquem aprimorar seus conhecimentos. Engloba em seu acervo milhares de objetos de aprendizagem, incluindo textos, livros didáticos, artigos de pesquisa, teses, dissertações, videoaulas, áudios, imagens e quaisquer outros materiais de pesquisa e ensino que estejam licenciados de maneira aberta, publicados com autorização expressa do autor ou ainda que estejam sob domínio público. Fonte: <https://educapes.capes.gov.br/>

docência e a busca por formação. Também tem sido uma oportunidade para encontrar estudantes de outras instituições públicas, privadas e comunitárias de distintas regiões, possibilitando alcançar sujeitos com demandas formativas diversas e que estão na linha de frente da educação básica. Para muitos alunos, essa formação, mesmo não ancorada em modelos e fórmulas, tem tido a força para desestabilizar certezas, apontar novas rotas, reafirmar escolhas, estimular novas buscas, como movimentos necessários para uma formação que seja percorrida autonomamente por quem escolhe fazê-la.

Compreendendo que a natureza das pesquisas desenvolvidas no Profhistória não pode prescindir de um debate com outras áreas do conhecimento, outro investimento que considero fundamental é o trabalho com conceitos e categorias de análise difundidos no campo da Educação, mas já incorporados por muitas pesquisas do Ensino de História, como a Cultura Escolar, os Saberes Docentes e o Saber Histórico Escolar. A meu ver, esses conceitos são estruturantes para se pensar a escola como legítimo espaço de produção de culturas, saberes e conhecimentos, constituídos na relação entre os sujeitos que frequentam a escola e dão significado para as práticas escolares (MONTEIRO, 2007). Nesse sentido, em ambas as disciplinas com as quais trabalho, mas especialmente em Seminário de Pesquisa, venho incentivando os estudantes a reconhecer o campo do Ensino de História como área de fronteira. Isso implica considerar que os conceitos e categorias de análise são tramados na interface com outras áreas de conhecimento, como a Educação, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia Social, dentre outras, e que oferecem um repertório necessário para o trabalho com as especificidades e as singularidades dos sujeitos e espaços nos quais atuam.

Do ponto de vista teórico-metodológico, também tenho investindo no trabalho com categorias que possibilitam reconhecer o debate acumulado no campo da Educação sobre as pesquisas que envolvem professores e suas práticas profissionais como *professor pesquisador*, *professor reflexivo*, *professor que pesquisa a sua própria prática* discutindo a própria epistemologia da prática profissional docente. Também defendo a importância de se abordar no contexto formativo do Profhistória, diferentes modalidades de pesquisas qualitativas para incentivar e também oferecer o adequado suporte para o desenvolvimento de pesquisas em sala de aula ou em outros espaços da escola e do seu entorno como os grupos focais, a pesquisa ação, a etnografia escolar, dentre outros. Sem prejuízo para o trabalho com outras metodologias próprias do campo da História, como a análise de fontes, a história oral e a análise historiográfica. Importa também reconhecer que o trabalho docente que se desenvolve em sala de aula, além da sua natureza singular,

autoral e circunscrita a determinado tempo e espaço, pode ser convertido em objeto de pesquisa, mas para isso necessita de um planejamento orientado por referenciais teóricos e metodológicos e por estratégias de pesquisa que vão possibilitar obter dados que posteriormente poderão ser analisados, cotejados, refletidos e problematizados. Mais recentemente, venho incorporando as reflexões de Ana Zavala que em seus diversos escritos alerta que são poucas as pesquisas acerca de práticas docentes feitas pelos próprios professores, já que muitas vezes eles são o objeto investigado e não o investigador. Ao defender a noção de *Pesquisa prática da prática de se ensinar História* para a reflexão sobre as práticas docentes, a autora atribui como central o papel da linguagem e o pensamento na construção pessoal da realidade (de si, dos outros, do mundo das relações humanas, e também do mundo que nos rodeia), compreendendo que a história cognitiva do sujeito da ação é a primeira fonte de sua atividade de teorização da prática de ensino (ZAVALA, 2008; 2015).

A reflexão sobre a produção de materiais didáticos de história também é um eixo fundamental no contexto formativo do Profhistória. Ainda que a maior parte das pesquisas da área recaiam sobre o livro didático, sobretudo porque no Brasil esse material tem uma relevância singular, especialmente no contexto de políticas públicas como o PNLD, compreendo que pensar a produção de materiais didáticos de História nos convida a dialogar com outras experiências que considerem a recepção, os diferentes usos e a relação do livros didáticos com a aprendizagem histórica em sala de aula (questão ainda pouco enfrentada pelas pesquisas na área). Outro caminho, que já vem sendo assumido pelo Profhistória com muito êxito, é a reflexão sobre outros tipos de materiais didáticos que possibilitem o aprofundamento de temáticas históricas específicas ou mesmo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e procedimentais fundamentais para a formação histórica dos estudantes. Nos últimos anos, a História também vem sendo impactada por inúmeras experiências de produção didática e de divulgação científica que demonstram a preocupação da área com a formulação de propostas que dialoguem com diferentes públicos, sobretudo o escolar. Nesse sentido, o Profhistória é um espaço potente para o incentivo de produções autorais que dialoguem com espaços e sujeitos diversos, aprofundem temáticas e considerem professores e estudantes como sujeitos autônomos na apropriação dessas propostas, escapando de modelos como cartilhas, manuais e sequências didáticas que muitas vezes assumem uma natureza prescritiva e unidirecional.

A construção de pesquisas no Profhistória: muitos caminhos, diferentes percursos

A orientação de trabalhos no Profhistória é para mim uma das tarefas mais instigantes e desafiadoras. Os mestrados ingressam no curso sem um projeto de pesquisa definido, mas as temáticas e problemáticas de pesquisa vão sendo construídas no decorrer de um longo processo, perpassado por discussões nas disciplinas, trocas de ideias entre os próprios mestrados e inúmeros diálogos desenvolvidos no processo de orientação. De um modo geral, venho estimulando meus orientandos a olhar para o seu próprio trabalho docente e identificar características, paixões, incômodos, insatisfações, desafios, ou mesmo dificuldades, construindo questionamentos que instiguem a reflexão. Outras vezes, o que norteia a definição das problemáticas de pesquisa são desejos de melhoria e avanços no tratamento de algum tema ou questão que já desenvolvem, ou algo que considerem relevante e gostariam de propor ou implementar, mas não tiveram oportunidades ou elas ainda não foram satisfatórias. A prática docente de outros professores ou a recepção e implementação de políticas públicas são outros exemplos de temas que instigam muitas pesquisas e apontam a pluralidade de caminhos assumidos por essas propostas.

A dimensão propositiva como aspecto que demarca a especificidade das pesquisas em mestrados profissionais, geralmente está associada ao desenvolvimento de investigações aplicadas à solução de problemas e que possam ter impacto no espaço de atuação profissional do mestrando. Essa dimensão é interpretada e desenvolvida no Profhistória de distintas maneiras, o que permitiu a construção de um amplo repertório que pode ser identificado no vasto conjunto de dissertações já defendidas, mas sobre o qual ainda há poucos consensos. Na minha experiência de orientação de trabalhos, tenho percebido que a singularidade das propostas de pesquisas, aliadas ao contexto e às condições de cada mestrando, dificulta a definição de parâmetros. Talvez devêssemos inventariar as múltiplas trilhas investigativas que o curso possibilita e reconhecer essa multiplicidade como a sua singularidade. Nesse espírito reflexivo, apresento algumas modestas contribuições nas linhas finais desse texto, apontando alguns percursos que venho construindo com meus orientandos.

A pesquisa de Nair Sutil³ que foi minha primeira orientação no Profhistória, resultou na construção de um “museu” afetivo com seus alunos de 6º ano, partindo de um trabalho com fontes históricas já desenvolvido pela professora. Este foi revisitado a partir de uma proposta de intervenção que mobilizou os próprios estudantes a construir narrativas sobre os objetos disponibilizados pelas suas famílias em Campo Mourão-PR, por meio de diferentes estratégias de pesquisa, leitura e escrita. Nesse caso, o que consideramos como dimensão propositiva não foi exatamente o “museu” construído com os alunos, mas as reflexões resultantes da pesquisa desenvolvida com os estudantes. Aspecto semelhante pode ser observado na dissertação de Cláudia Azevedo⁴ que construiu oficinas de história oral com seus estudantes do Ensino Médio em Manaus-AM, a partir de uma demanda da escola para o trabalho com a memória de velhos. Nesse caso, consideramos como dimensão propositiva do trabalho as reflexões sobre as escolhas adotadas para a produção dessas oficinas, o desenvolvimento das mesmas com os estudantes e as suas experiências de práticas de entrevista.

Outros trabalhos situam-se no limiar entre o desenvolvimento de práticas pedagógicas em sala de aula e a construção de materiais didáticos e produtos educacionais, como é o caso da dissertação de Mylene Visani⁵. Esta professora produziu diferentes materiais didáticos para o trabalho com a história dos povos afrodescendentes em Santa Catarina e construiu um roteiro histórico, a partir da experiência das aulas, que propõe um percurso no centro histórico de São José-SC para dar visibilidade à história dos povos afrodescendentes na cidade. Iniciativa semelhante pode ser observada no trabalho de Jeferson Freitas⁶ que construiu uma proposta de Educação Patrimonial que associou a relação entre escola, comunidade e bens culturais em Joinville- SC. Esta proposta não pôde ser implementada em sua integridade, o que motivou o enfoque no

³ SUTIL, Nair. “Museu” Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória na Educação Escolar. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2016, 141 p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174785>

⁴ AZEVEDO, Cláudia Pinheiro. “Memórias de Manaus” na Escola Estadual Frei Silvío Vagheggi: Experiências de História Oral no Ensino de História. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2020, 129p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/585845>

⁵ VISANI, Mylene Silva de Pontes. Construindo Visibilidades na Cidade de São José/SC: Uma Proposta de Ensino de História e Patrimônio Cultural dos Povos Africanos e Afrodescendentes. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2018, 138 p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430800>

⁶ FREITAS, Jeferson Luiz. Da Doxa ao Logos: Problematizando o Ensino de História e a Educação Patrimonial, a partir da Escola. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2020, 374 p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582043>

caráter propositivo do processo de produção dos materiais didáticos e dos cadernos de diálogo para o professor e estudantes. Já Valdinei Deretti⁷ construiu um percurso histórico pela principal rua de Guaramirim-SC, a partir de eixos que configuram uma proposta de Ensino de História e Educação Patrimonial para (com e na) cidade e resultou em um material didático para professores e estudantes. A proposta não foi implementada, mas no trabalho pode ser encontrada a reflexão teórico-metodológica que fundamentou a pesquisa e a proposição, além do próprio material desenvolvido.

Ao olhar para esse conjunto de trabalhos ligeiramente exemplificado, considero importante complementar que as pesquisas desenvolvidas no Profhistória são afetadas por muitas variantes que configuram as condições de realização dessas investigações. O grande número de professores com contratos precários e instáveis é uma delas, o que termina por dificultar o desenvolvimento de propostas a longo prazo, dada a imprevisibilidade da permanência do professor na mesma escola. A alta carga horária de muitos professores e a dificuldade em conciliar as atividades docentes e acadêmicas, também tem sido um desafio enfrentado recorrentemente. Ainda que a maioria das escolas e seus gestores sejam sensíveis e receptivos ao desenvolvimento das atividades de pesquisa do curso, há limites relacionados com a própria dinâmica de algumas instituições escolares, como calendários e demandas curriculares mais prescritivas e conteudistas; greves e paralisações ou mesmo o próprio contexto da pandemia provocada pela Covid-19 que fechou escolas e inviabilizou o desenvolvimento de muitas atividades previstas.

Nesse sentido, também observo que muitas pesquisas desenvolvidas no Profhistória, que resultam em materiais didáticos bastante potentes e criativos, acabam por não incorporar a reflexão resultante das apropriações e da recepção dos sujeitos aos quais se destinam, o que poderia contribuir para o seu aprimoramento. Longe de constituir um problema, talvez esse aspecto aponte para a natureza viva e dinâmica de pesquisas desenvolvidas em contextos complexos como o escolar e que não se encerram com a conclusão do mestrado, que possui limites de prazos para a defesa. Sendo assim, muitos desses trabalhos finalizados podem ser um convite para a leitura, a (re)apropriação e a implementação, em um fluxo dinâmico e contínuo de construção e compartilhamento de saberes e de novas autorias.

⁷ DERETTI, Valdinei. “Ensinar História na Cidade: Uma proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim/SC”, *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2020, 188 p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586313>

Referências

- FERREIRA, Marieta de Moraes. O ensino da História, a formação de professores e a pós-graduação. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 21-49, dez. 2016.
- MESQUITA, Ilka Miglio de. *Memórias/identidades em relação ao ensino e formação de professores de história: diálogos com fóruns acadêmicos nacionais*. Tese defendida no PPGEDU UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252062>
- MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- SACRISTÁN, Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Thomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flavio (orgs.). *Territórios conquistados. O currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a02v3060.pdf>
- ZAVALA, Ana. La investigación práctica de la práctica de la enseñanza. *Clío & Asociados. La Historia Enseñada*, n. 12, p.241-271, 2008.
- ZAVALA, Ana. Pensar 'teoricamente' la práctica de la enseñanza de la historia. *Revista História Hoje*, v. 4, nº 8, p. 174-196, 2015.